

## Arcozelo

ARCOZELO, orago São Mamede, era uma abadia da apresentação da Mitra.

*Arcozelo* deriva de *arcu-cellus*, pequeno arco.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, com a designação = « De Sancto Mamete de Arcozelo », da Terra de Nevia e nelas se diz que o rei não é o padroeiro, não tem aqui reguengo algum, nem foro porque é couto e que esta Igreja tem sesmarias, Hospital 11 casais, uma quintana e sesmarias, Manhente 5 casais e Banho um quarto de casal.

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, se diz: « *De Judicato de Nevia in parrochia Sancti Mameti d'A-cozelo* » = que el Rey non est patronus desta ecclesia, ca est Couto por padrões, et el Rey nom *ha* y *nichil* ».

Pelas Inquirições se depreende que esta freguesia teve o privilégio de couto que depois perdeu.

A sua *Igreja Paroquial* esteve primitivamente em uns campos dentro da actual quinta da Igreja.

Em um desses campos ainda se vê espetada na terra uma pedra de forma cilíndrica com uma cavidade na extremidade superior, a qual parece ter sido pedra de ara fixa, como antigamente se usava nos templos.

O povo diz que essa pedra marca o sítio onde era a capela-mor da matriz de Arcozelo.

Próximo desse local, um pouco ao poente, erguem-se umas casas de humilde aparência que eram a antiga Residência Paroquial.

A Residência, o campo onde esteve a Igreja e outro que era Passal, sendo incluídos naquela quinta da Igreja, foram trocados pelo terreno e casa mais ao norte, à actual Residência e Passal.

A *Igreja Paroquial* actual foi construída nos princípios do século XVIII.

Era um edifício baixo e acanhado, tendo sido porém alteado e ampliado nos fins do século XIX. É de arquitectura muito singela.

Ao lado esquerdo da sua frontaria ergue-se uma torre para os sinos, muito sóbria de cantaria, tendo por baixo das sineiras a inscrição que diz: F. 1905.

Atrás, junto à capela-mor, está a sacristia.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo um altar em bela talha doirada.

O pavimento nesta parte é em mosaico, vendo-se nele, sob o arco cruzeiro, a data da sua colocação —1913.

O corpo da Igreja é forrado a estuque, tendo junto ao arco dois altares laterais, também em talha antiga doirada. Do lado direito, acima da porta travessa, foi há poucos anos colocado um outro altar em estilo moderno.

Tem coro, púlpito, este em boa talha antiga doirada, e baptistério.

Interiormente, por cima da janela que dá luz ao coro, lê-se a seguinte inscrição: «RECONSTRVIDA POR T. L. MONTEIRO EM 1884».

É a data da reforma e ampliação da Igreja.

Em um pequeno largo em frente a esta, ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, muito simples, levantando-se a cruz de hastes redondas sobre um globo de pedra que coroa a coluna.

Na base, pareceu-nos ver a data 1690.

Detrás da Igreja, em uma pequena elevação de terreno ao norte, foi construído o *Cemitério Paroquial*, tendo sobre o seu portão a data 1887.

Esta freguesia, situada no feracíssimo vale do Tamel, donde se disfruta um esplêndido panorama, é fertilizada pelo ribeiro de Crujes ou de Fora, que nasce na freguesia de Santa Leocádia do Tamel, e pelo do Lombão, que nasce na de São Fins do Tamel, os quais juntando-se ao que vem da de Alheira, formam o rio Tamel, antigamente conhecido por Ponteio, afluente do rio Cávado.

É servida pelas estradas de Barcelos a Ponte do Lima, pela Ponte de Anhel, e pela que vai desta cidade à de Braga por Prado, além de outras transversais: uma que liga aquela pela Ponte de Arcozelo a São Veríssimo do Tamel e outra que da Estação dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro de Barcelos passa pelo Beijão.

Tem as seguintes pontes: a de Arcozelo, a de Crujes, que dá serventia à estrada de Ponte do Lima e a das Pontes, que serve a de Braga.

Há apenas duas fontes: a do Ribeiro e a do Grilo.

Esta fonte tem por cima esculpida em uma pedra a seguinte inscrição: «PERTENCE. D. ROSA. C. VIEIRA. ESTA. AGVA. QUE. FOI. TIRADA. PELLO. CAPP.<sup>m</sup> JOÃO. JOSÉ. GRILLO. NO. ANNO. D. 1818».

As confrontações desta freguesia são pelo norte com a de São Veríssimo do Tamel e a de Lijó, pelo nascente com a de São Veríssimo do Tamel, pelo sul com o rio Cávado e pelo poente com a de Barcelos e a de São Martinho de Vila Frescainha.

Se estas confrontações nunca mudaram, o mesmo se não pode dizer quanto às suas demarcações. Assim, esta freguesia absorveu algumas casas à de São Veríssimo do Tamel e perdeu muitas que foram incluídas na de Barcelos.

Os limites de Arcozelo que ainda vão até à estrada de Barcelos a Viana do Castelo, estendendo-se até perto do Recolhimento do Menino Deus, vinham antigamente pelo Campo da Senhora do Ó, hoje Campo da Liberdade, à Pedra do Couto, abrangendo ainda parte da Cerca do Hospital, iam pela quinta da Granja, que então pertencia à freguesia de São Veríssimo do Tamel, ao rio Cávado.

Estes limites recuaram porém ultimamente, ficando o Campo da Liberdade a pertencer todo a Barcelos e seguindo pelas alturas pouco mais ou r menos do meio da Avenida Alcades de Faria em direcção ao rio, de maneira que o Cemitério Municipal ainda fica todo em Arcozelo.

No antigo Campo da *Senhora do Ó* havia uma *capelinha* daquela invocação. Hoje dessa capela apenas aparecem vagos vestígios em um prédio confrontante com aquele campo. Viam-se ainda há pouco tempo as ruínas da *Capela de Santa Marta*, na quinta do mesmo nome, junto à Linha Férrea do Minho e Douro.

Esta quinta fazia parte da Comenda de Chavão, da Ordem Militar de Malta ou dos Hospitalários de São João de Jerusalém.

Abrangia esta quinta, além das terras que ainda lhe pertencem, os terrenos ocupados pela Fábrica de Serração Domeneck, a Estação de Barcelos e outras casas e terrenos ao poente daquela Linha Férrea.

Em um pequeno outeiro, ao sul da Estação, junto à passagem de nível da estrada que vai para o Beijão existiu esta capela, que há anos começou a cair em ruínas e hoje completamente desapareceu.

Ainda há pouco tempo se podia fazer uma ideia dela, da sua arquitectura simples, com porta ogival e vestígios de uma bem proporcionada galilé ou alpendre.

No Museu Municipal de Barcelos existem armados o pórtilo ogival desta capela, a cruz que encimava a sua fachada, um escudo da Ordem de Malta e um galheteiro em pedra (século XVI) com a cruz de Malta.

Junto a esta capelinha estava um portal de serventia da casa dessa quinta, o qual foi demolido por 1908.

Na verga da sua porta via-se a seguinte inscrição :=

«ESTA. OBRA. MÃDOV. FAZER. O. COMEDA-DOR. F. I. DE. FARIA. DE. ANDRADE. COMEDA-DOR. DE. CHABOM. E. S. MARTA. FIDALGO DA. CASA. DEL REI. DOM. SEBASTIOM. NO. SEGVN-DO. ANO. QVE. EMTROV. EM RENDA. 1562».

Existem nesta freguesia as *Capetas de São José* na casa da Quinta de Igreja, pertencente à Ordem Religiosa das Irmãs Franciscanas de Maria e a de S. Rafael nas casas que servem de Hospital às mesmas Irmãs.

Há apenas umas *Alminhas*, as da Calçada.

A população desta freguesia no século XVI era de 30 moradores; no século XVII era de 66 vizinhos; no século XVIII era de 62 fogos; no século XIX era de 479 habitantes e actualmente é de 1.399 habitantes, sendo 680 varões e 719 fêmeas, sabendo ler 272 homens e 131 mulheres, havendo pois 996 analfabetos.

Esta população está distribuída pêlos seguintes lugares habitados: Igreja, Rego, Crujos, Estrada, Seixo, Calçadas, Senhora do Ó, Granja, Pontes, Souto, Penedos, Estrada de Baixo, Ribeiro, Quinta de Santa Marta, Quinta, Bajoinde, Torgos, Largo da Estação, Rua Elias Garcia, Avenida Alcades de Faria e Torgas.

As suas casas mais importantes são: a da Igreja, a de Santa Marta, a de Touguinha, a do Beijão, a de Santo António e a *vila* Alice.

Em uma dependência da casa da Igreja esteve metido na parede um belo escudo bi-partido com as armas

dos Antas e Castros (de seis arruelas) o qual nos dizem pertencia à família dos Castros Negreiros, senhores daquela quinta, que o tinham trazido para ali da sua casa de Poiares. Esse escudo acha-se hoje na quinta da Touguinha, pertencente ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. António Ferreira Pedras, distinto advogado nesta comarca, casado com a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria da Glória Brochado Ferreira Pedras, descendente daqueles Castros Negreiros.

Tem esta freguesia Escola Oficial mista com um lugar, que funciona em edifício próprio, duas Caixas do Correio, 13 lojas de comércio, barbearias, duas Pensões, etc. e nela está a Estação de Barcelos do C. de F. do M. e D.

É esta freguesia uma das mais industriais, tendo as seguintes fábricas: a de Serração Domenech, duas de Destilação de vinhos, a de Moagem do Cávado, a de Serração Coutinho & C." e uma de Cerâmica.

Dentro dos limites da freguesia de Arcozelo foi construída a Cadeia comarca de Barcelos.

Em 1926 o nosso ilustre patrício Snr. Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, residente nos Estados Unidos do Brasil, mandou construir o edifício desta cadeia, dotando-o com todo o mobiliário, roupas e ferramentas para o trabalho dos presos. Foi escolhido o local junto à estrada de Barcelos a Viana para a sua construção.

É um bom edifício, próprio para o fim a que se destina, onde os presos recebem ar e luz a jorros, rodeado de uma ampla cerca na qual trabalham, distraem-se e recebem o sol do bom Deus.

Tem esta cadeia grandes dormitórios, casas de banho, enfermarias, oficinas de trabalho para cada sexo, aposentos para menores e no andar superior quartos para presos de categoria social, bem mobilados e com relati-

vas comodidades, além da habitação para o carcereiro, escritório e outras dependências.

O delinquente sendo assim tratado reconhecerá que a sociedade não é tão má como a julgava, pois não o separou de si com ódio e para satisfação de uma vingança, mas como um doente que era preciso tratar; será assim o começo da sua cura, da sua regeneração.

Tudo isto se deve à benemerência talvez bem esquisita e única em Portugal de um barcelense!

O Estado deveria considerar um pouco sobre este humanitário gesto e mandar arrasar os velhos antros que servem de prisões, não deixando construir outros, e edificar cadeias como a de Barcelos.

Para complemento desta obra de regeneração social está a funcionar neste edifício uma Escola devida à iniciativa do seu professor Snr. Manuel Dias Fernandes, que gratuita e altruistamente ali vai ministrar a instrução aos pobres encarcerados.

Em 1558 foi confirmado pelo Cabido, *sede vacante* por morte do arcebispo D. Baltazar Limpo, na abadia de Arcozelo e sua anexa São Simão de Vila Frescainha, *António Perestrelo Brandão*, clérigo de ordens menores e aluno da Universidade de Coimbra.

Este aluno da Universidade de Coimbra entende-se devia ter habilitações de sobra para naquele tempo ser abade desta freguesia.

Pela antiquíssima Constituição da Igreja de Braga, para um clérigo ser provido em benefício eclesiástico exigia-se apenas que soubesse o latim, de modo que pudesse entender ao menos à letra o que lesse.— Não possam ser providos em Igreja Paroquial ou Capela senão aqueles que souberem ler e contar e entender ao menos ao pé da letra, diz aquela Constituição.

Não se exigia muito e ainda algumas vezes os Prelados dispensavam nestas Constituições para o provimento daqueles lugares!

*José Joaquim de Almeida*, era natural desta freguesia como diz Eugênio Chardron quando lhe dedica a edição do livro «Raridade Bibliográfica» do Dr. Pereira Caldas, publicado em Braga em 1871.

Era José Joaquim de Almeida amador bibliográfico e coleccionador famoso de livros antigos, salvando-os de destruição frequentes vezes, possuidor de uma escolhida livraria em Braga; por todos estes títulos é que aquele editor lhe dedica a obra a publicar.

Foi abade desta freguesia por 1640 *André de Faria Mariz*, filho de Baltazar Cicio de Barcelos Cogominho e de D. Grácia de Matos Faria, desta cidade, e irmão de D. Fr. Francisco de Faria, bispo de Martiria e Coadjutor do arcebispo de Braga D. Sebastião de Matos e Noronha, de João Faria Cogominho, de Cristóvão Cogominho de Faria e ainda outros.

Estes Cogominhos Farias, amigos e apaniguados do arcebispo Matos, seguiram o partido do rei de Castela quando da restauração de 1640.

Chegando a Barcelos a notícia da revolução feita em Lisboa, proclamando a independência da pátria, os barcelenses trataram imediatamente de aclamar rei o Duque de Bragança, que também era Conde Duque de Barcelos. João de Faria Cogominho e seu irmão abade de Arcozelo André de Faria Mariz acaudilharam um grupo de maus portugueses, tentando contrariar o impulso generoso dos barcelenses, e de tal modo procederam que deram causa a sangrentas lutas de que aquele abade e seu irmão saíram tão comprometidos que tiveram de expatriar-se.



André de Faria Mariz fez testamento, legando à sua freguesia uns pequenos terrenos com a obrigação de uns responsos.

Não obstante a pouca importância desse legado, ainda hoje se reza na igreja de Arcozelo por alma do abade Mariz.

Os outros irmãos deste abade que, como é sabido, entraram na conspiração contra a vida de D. João IV, com o arcebispo Matos, tiveram todos um triste fim.

O bispo de Martiria, descoberta a conspiração, fugindo à borrasca que se aproximava, foi preso na estrada de Coimbra a Braga, e levado para a Torre de Belém, onde esteve encarcerado muitos anos. Morreu no convento de S. Vicente de Fora, para onde tinha sido removido.

Cristóvão Cogominho de Faria, sendo encarcerado no Limoeiro em Lisboa e julgado, foi enforcado a 9 de Setembro de 1641.

E assim encarcerados, executados ou no exílio, morreram os principais membros desta família.